

Estudantes e amigos — trajectórias de classe e redes de sociabilidade

1. INTRODUÇÃO

O projecto «Observatório Permanente sobre a Juventude Universitária», iniciado em Outubro de 1985¹, visou, desde o princípio, uma pluralidade de objectivos. Entre os mais importantes pode resumidamente mencionar-se a análise da origem social dos estudantes do ensino superior; das suas eventuais diferenças quer por regiões, quer por cursos; das expectativas e aspirações que manifestam quanto à frequência do sistema de ensino, à futura profissão, à sociedade; dos sistemas de valores e das representações de que os estudantes são portadores e que podem ser relevantes para o entendimento dos respectivos comportamentos actuais e futuros. A análise aprofundada dos resultados pode ainda contribuir para o exame de questões como a do lugar das instituições do ensino superior e da importância dos seus graduados nos processos de recomposição do sistema social português e, de forma mais especificada, do papel de tais instituições nos fluxos de mobilidade e nos processos de reprodução e de transformação da estrutura social e da matriz cultural do País.

O projecto utilizou a metodologia do inquérito por questionário, visando uma análise comparativa/transversal e, a prazo, uma análise diacrónica/longitudinal. O questionário, que veio a sofrer pequenas alterações aconselhadas pela experiência de aplicação, inclui agora um pouco mais de trezentas variáveis. Perto de uma centena consiste em indicadores de inserção social do inquirido, de familiares e amigos, em variadas dimensões, nomeadamente profissional, escolar, geográfica, etária, sexual. Toda a restante bateria de indicadores procura captar aspectos dos sistemas de representações dos estudantes, desde avaliações de posicionamento em escalas de estratificação e em círculos de pertença até hierarquias de valores e conjuntos de expectativas, aspirações e orientações de vida, passando por representações sobre domínios como arte e ciência, instituições e meios sociais, clivagens e critérios de justiça social, legitimidade política e futuro do País. Mais do que obter informação sobre segmentos específicos de representações, presidiu à

¹ Este projecto, iniciado no âmbito da disciplina de Sociologia das Classes Sociais e da Estratificação da licenciatura em Sociologia do ISCTE, tem decorrido no quadro do ICS e do CIES/ISCTE. Queremos manifestar o nosso agradecimento a todos os docentes e estudantes dos vários cursos que conosco colaboraram na recolha e tratamento da informação.

construção do instrumento de pesquisa o intuito de captar eixos básicos dos sistemas de disposições dos estudantes.

O questionário já se aplicou em 14 licenciaturas, num total de cerca de 1400 casos e cobrindo já um apreciável conjunto de espaços regionais.

Será possível, a partir de agora, sistematizar a pesquisa e diversificar a metodologia.

Por um lado, há que prolongar a aplicação do questionário a novas escolas, possibilitando comparações transversais mais significativas e informadas. Por outro, há que proceder a análises longitudinais metódicas e a comparações diacrónicas que permitam detecção de tendências evolutivas e alguma focagem prospectiva. Finalmente, a utilização de técnicas intensivas, nomeadamente de diversas formas de entrevista, permitirá testar hipóteses e complementar informação, em particular nas dimensões longitudinais diacrónicas.

Um primeiro resultado de pesquisa foi objecto de comunicação ao 1.º Congresso Português de Sociologia e apareceu publicado com o título «Famílias, Estudantes e Universidade — Painéis de Observação Sociográfica»². A intenção fundamental foi aqui a de discutir conceitos e propor tipologias operatórias para a análise de classes.

O estudo de valores e representações — preocupação central de todo o projecto — só pôde começar a ser aprofundado num segundo artigo, «Identities e orientações dos estudantes — classes, convergências, especificidades»³.

Trata-se, desta vez, de construir e aplicar variáveis de caracterização alargadas a trajectórias de classe e a redes de relacionamento social e delas aproximar aspectos significativos das configurações culturais próprias dos estudantes, nomeadamente as que respeitam a imagens de posição social e a modelos de orientação pessoal.

2. TRAJECTÓRIAS E REDES

Quando se pretende caracterizar os estudantes do ensino superior em termos de um conjunto de propriedades relacionais e intrínsecas que os situam no espaço das relações sociais, é à análise de classes que se recorre. A mesma análise permite ainda encontrar vias conceptuais (polivalentes) que integram os sistemas estruturados de distribuições, instituições e processos sociais que aos estudantes dizem respeito e a pluralidade de práticas e representações de que eles são protagonistas.

Fizemos já referência, noutros trabalhos, às dificuldades específicas que se colocam à caracterização de classe dos estudantes⁴. São problemas que decorrem, designadamente, de frequentarem uma «instituição de passagem» — a escola — que se apresenta como redistribuidora potencial de futuros vir-

² João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, «Famílias, estudantes e universidade — painéis de observação sociográfica», in *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 4, 1988.

³ Fernando Luís Machado, António Firmino da Costa e João Ferreira de Almeida, «Identities e orientações dos estudantes — classes, convergências, especificidades», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.ºs 27/28, 1989.

⁴ Ver artigos referidos nas notas 2 e 3.

tuais; de normalmente terem à sua frente um segmento do trajecto de vida mais longo que o já percorrido; e de, em geral, não terem ainda uma inserção definitiva na esfera profissional, cuja importância na caracterização de classe, embora de modo nenhum exclusiva, é em todo o caso iniludível.

Enunciamos de seguida, e aplicamos à análise empírica, três conceitos que dão maior precisão e alcance à sociologia das classes: o de família enquanto unidade de análise classista, o de trajectória social e o de rede de relacionamentos sociais.

O recurso à *família* como unidade de análise permite enriquecer teoricamente o conceito de classe e ultrapassar alguns problemas de operacionalização⁵. Sem perder de vista as especificações de pertença de classe reportáveis directamente aos indivíduos, a verdade é que no grupo doméstico se partilha um conjunto decisivo de recursos e de condições de existência, que nele se estruturam princípios organizadores básicos dos sistemas de disposições e que aí se geram boa parte das estratégias e orientações de vida.

No quadro n.º 1 dá-se conta da classe social da família de origem dos estudantes de vários cursos⁶.

Apesar de as distribuições das *origens de classe* variarem de curso para curso, é possível observar um mesmo padrão genérico. A grande maioria destes estudantes provém de famílias pequeno-burguesas. A pequena burguesia técnica e de enquadramento — fracção de classe com mais elevada proporção de diplomas do ensino superior e com consideráveis recursos de qualificação profissional e/ou de autoridade hierárquica nas relações de produção — está fortemente sobre-representada. O mesmo se passa com a burguesia. Se se comparar a estrutura de classes da sociedade portuguesa com a composição social das famílias de origem dos estudantes que frequentam estes cursos, verifica-se que a reprodução das posições sociais continua a ser um facto pesado. As classes e fracções de classe com maiores recursos continuam a ter muito mais hipóteses de colocar filhos na universidade⁷. Mas, por outro lado, é possível observar que os cursos analisados são frequentados igualmente por um número bastante importante de estudantes oriundos das fracções da pequena burguesia mais desprovidas de capitais culturais e económicos, e mesmo por alguns provenientes do operariado. Pela universidade passa actualmente um conjunto significativo de trajectórias sociais de mobilidade ascendente, fenómeno com impacte não desprezável na reconfiguração da sociedade portuguesa⁸.

As classes e fracções de classe podem, com vantagem teórica e operatória, ser analisadas não só como conjuntos de lugares estaticamente definidos, mas também enquanto feixes de *trajectórias sociais*, com segmentos passados, inserções sociais presentes e futuros virtuais modais⁹.

Deste modo, é possível referenciar a caracterização de classe dos estudantes a uma série de elementos observáveis. Um deles, já referido, é a ori-

⁵ Ver, por exemplo, João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, ICS, 1986, e Daniel Bertaux, *Destinos Pessoais e Estrutura de Classes*, Lisboa, Moraes, 1978.

⁶ Ver anexo.

⁷ Ver João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, «Famílias, estudantes e universidade — painéis de observação sociográfica», in *op. cit.*, nota 16.

⁸ *Id.*, *ibid.*, pp. 17 e segs.

⁹ Ver, por exemplo, Pierre Bourdieu, *La distinction*, Paris, Minuit, 1979, Erik Olin Wright, *Classes*, Londres, Verso, 1985, e João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos*, cit.

Classes dos grupos domésticos de origem (percentagem)

[QUADRO N.º 1]

Classes e frações de classe	Cursos													
	Gestão ISCTE (N = 334)	Sociologia ISCTE (N = 300)	Antropologia ISCTE (N = 29)	Sociologia UNL (N = 81)	Antropologia UNL (N = 46)	Comunicação Social UNL (N = 63)	Engenharia Informática UNL (N = 20)	Geografia UL (N = 79)	Psicologia UL (N = 79)	Farmácia UTL (N = 111)	Gestão UN do Algarve (N = 29)	Hortofruticultura UN do Algarve (N = 16)	Biologia Marinha UN do Algarve (N = 20)	Escola Náutica (N = 28)
Burguesia	20,7	15,0	3,4	14,8	19,5	23,8	15,0	8,9	14,1	16,2	24,1	12,6	25,0	7,1
Pequena burguesia	66,8	72,0	89,6	67,9	63,0	53,8	75,0	68,4	73,2	78,3	62,0	81,5	70,0	57,1
Pequena burguesia técnica e de enquadramento	30,8	28,7	44,8	28,4	32,6	20,6	60,0	35,4	42,3	36,9	24,1	12,5	35,0	21,4
Pequena burguesia de execução	20,7	24,3	20,7	17,3	13,0	15,8	—	20,3	18,3	17,1	17,2	37,6	25,0	10,7
Pequena burguesia independente	15,3	19,0	24,1	22,2	17,4	17,4	15,0	12,7	12,6	24,3	20,7	31,4	10,0	25,0
Operariado	12,6	13,0	6,9	17,2	17,4	22,2	10,0	22,8	12,7	5,4	13,7	6,3	5,0	35,7

(N = 1156).

gem de classe. Grande parte dos estudantes do ensino superior vive ainda com a família de origem. Mas, mesmo quando isso não acontece (em particular no caso dos trabalhadores-estudantes), não deixa a família de origem de constituir, muito provavelmente, a principal sede de inculcação da matriz inicial dos sistemas de disposições geradores de práticas, aspirações e representações.

No entanto, nem todos os *efeitos de incorporação* são reportáveis à família de origem, nem as características dos lugares ocupados no espaço das relações sociais ao longo do percurso de vida dão conta, só por si, dos *efeitos de declive* ligados à específica componente direccional da trajectória, isto é, à vivência de experiências de ascensão, de estacionaridade ou de declínio social. Num plano mais operatório, cabe, pois, por um lado, encontrar modos de traduzir na análise o que de específico vector direccional faz parte do trajecto de classe. Por outro lado, importa nela incluir indicadores que, para além da família de origem, equacionem a trajectória por referência a espaços de inserção social, a contextos de socialização, a grupos de referência e a parceiros de interacção igualmente relevantes.

Mas, se todo este último conjunto de referências é de inegável utilidade para tratar de forma mais fina e completa a trajectória social, permite também operacionalizar um outro conceito que vem enriquecer de maneira significativa a análise de classes. Referimo-nos ao conceito de *rede de relacionamentos sociais*.

Com largas tradições na análise sociológica, o conceito de rede social (*social network*) não tem sido muito utilizado nos estudos de classes e estratificação. Exceptuam-se trabalhos como aqueles em que Lloyd Warner¹⁰ procurava, com inspiração na análise weberiana dos grupos de *status*, delimitar classes sociais através dos seus padrões de interconhecimento, das redes de parentesco, de amizade e de comum pertença associativa; aqueles, mais recentes, em que Stewart, Prandy e Blackburn¹¹ insistem na vantagem de uma «abordagem relacional», concebida em termos das redes de relacionamento de cada indivíduo com os seus familiares, vizinhos e amigos, salientando a particular capacidade explicativa destes últimos na determinação de escalas de estratificação ocupacional; ou ainda a utilização por Erik Olin Wright, no seu último livro sobre classes sociais¹², do que designa por «variáveis biográficas de classe», em que se combinam «redes de relações sociais» (caracterização de classe de amigos, cônjuge, pais e de eventual segunda ocupação profissional) e «trajectórias de classe» (origem de classe e anteriores ocupações profissionais).

Recentemente tem sido significativo, em todo o caso, o desenvolvimento do trabalho sociológico em torno das redes sociais. Ele avançou em níveis teóricos, metodológicos e empíricos e vai procurando respostas a diversos problemas que a mera análise dos actores, isolados dos seus contextos inter-pessoais e sociais, se revelava incapaz de produzir. A reconhecida importância da informação a esse nível tem vindo a gerar a preocupação de obter dados

¹⁰ W. Lloyd Warner et al., *Yankee City* (edição resumida), New Haven e Londres, Yale University Press, 1963.

¹¹ A. Stewart, K. Prandy e R. Blackburn, *Social Stratification and Occupations*, Londres, MacMillan, 1980.

¹² Erik Olin Wright, *Classes*, cit.

gerais e comparáveis que possam, por seu turno, suscitar novos desenvolvimentos da pesquisa¹³.

De um modo muito genérico, a noção de rede denota o conjunto de laços e relações, de diversos tipos e intensidades, que ligam um actor social a outros actores, bem como os eventuais laços desses outros actores entre si.

Se se obtêm elementos sobre este último ponto — sobre os laços dos outros actores entre si —, é então possível medir a *densidade* da rede. Em pesquisas de natureza extensiva defrontam-se consideráveis dificuldades práticas ao procurar captar tal informação, bem como em avaliar com rigor a *composição* completa e a *dimensão* da rede.

Mas vale a pena ir tão longe quanto possível nessa análise. A densidade sugere laços fortes, ou seja, aqueles que são dotados de maior durabilidade, de maior intensidade emocional, de maior confiança e intimidade, de maior frequência na troca de favores e de serviços. E à força dos laços corresponderá normalmente a *coesão* e a *homogeneidade* da rede, gerando-se grupos com identidades marcadas e sólidas fronteiras susceptíveis de pôr obstáculos quer à influência de outros grupos, quer, em parte, à dos próprios contextos sociais.

De acordo com a proposta interpretativa já clássica de Granovetter¹⁴, e de modo ao menos aparentemente paradoxal, seriam por isso mesmo os laços fracos os que indicariam maior riqueza de relacionamentos, no sentido de maior *diversidade* e *alcance* (*range*). Haveria pois que insistir no estudo dos laços fracos, das redes abertas e heterogêneas, pois aí se encontrariam as situações mais produtivas de recursos, de oportunidades e de informações diversificadas de que os actores podem beneficiar.

Muito próxima da noção de rede, embora mais centrada nos comportamentos do que nos actores, é a de *sociabilidade*. Refere-se ela a contactos não anónimos, repetidos e duradouros, que se estabelecem no quadro de distintas referências, como as familiares, as de amizade, as profissionais, as de vizinhança, as de associação¹⁵.

Também aqui surgem propostas de tipologias, distinguindo, por exemplo, sociabilidades formais e organizadas das informais e espontâneas, as livres das constrangidas, as colectivas (de grupos) das interindividuais, as intensas das leves, as múltiplas das escassas. Trata-se evidentemente de qualificações geralmente sobreponíveis cuja função principal é sugerir interrogações e organizar resultados.

¹³ Foi assim que nos Estados Unidos, por exemplo, se passou a dispor, a partir do *General Social Survey* de 1985, de informação sobre aspectos das redes interpessoais representativas do conjunto da população americana. Cf. Peter V. Marsden, «Core Discussion Networks of Americans», in *American Sociological Review*, vol. 52, Fevereiro, 1987, pp. 122 e segs. Importa salientar que autores clássicos da sociologia lançaram bases conceptuais importantes para estes desenvolvimentos, como é o caso de Georg Simmel, que, no quadro da sua sociologia formal, desenvolveu a teoria do cruzamento de círculos sociais (ver Georg Simmel, «O cruzamento de círculos sociais», in M. Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas*, vol. 1, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989).

¹⁴ Mark S. Granovetter, «The Strength of Weak Ties», in *American Journal of Sociology*, vol. 78, n.º 6, Maio de 1973, pp. 1360 e segs. Para uma crítica actual às teorias das redes ver Peter M. Blau, «Structures of Social Positions and Structures of Social Relations», in Jonathan H. Turner (edit.), *Theory Building in Sociology*, Londres, Sage Publications, 1989.

¹⁵ Cf. Claire Bidart, «Sociabilités: quelques variables», in *Revue Française de Sociologie*, vol. xxix, 1988, pp. 621 e segs; François Héran, «La sociabilité, une pratique culturelle», in *Économie et Statistique*, n.º 216, Dezembro de 1988, pp. 3 e segs.

Renunciámos, no questionário aplicado aos estudantes universitários, a tentar obter informação sobre o conjunto das «interconexões de rede», limitando-nos a relações egocentradas referentes aos amigos.

Esta opção de recorrer às referências a amigos no que respeita à população estudantil universitária parece ver reforçado o seu bom fundamento no facto de ser entre os sectores burgueses e pequeno-burgueses — onde, no essencial, tal população se recruta — que as relações de amizade menos se geram a partir do trabalho e do bairro, conservando-se aí de modo muito acentuado, em contrapartida, a presença de amigos de infância e de estudos¹⁶.

De forma consonante com esta verificação se pode interpretar uma outra observação no sentido de que seria particularidade das classes médias a capacidade de desenraizar relações, de as transportar para fora do meio em que surgiram¹⁷.

Seja como for, o núcleo duro da sociabilidade diz respeito aos relacionamentos electivos com componente forte de convivência e partilha. Mas o carácter voluntário de tais relacionamentos não elimina, como é evidente, a presença de condicionamentos exteriores.

Um dos níveis em que os condicionamentos se manifestam com nitidez é o da harmonização de disposições, que torna mais prováveis, por exemplo, as relações electivas de tipo intraclassista ou intrageracional. Os enquadramentos institucionais podem igualmente, por seu turno, apertar o círculo das sociabilidades, ao torná-las mais frequentes no seu interior. A família, os espaços físicos e sociais, como o bairro ou a aldeia¹⁸, os espaços profissionais, como a fábrica ou o serviço, são susceptíveis, na verdade, de operar um tal efeito, ao produzirem diferentes graus de constrangimento no sentido de relacionamentos endógenos.

Mas também da universidade (como das outras instituições de ensino) se pode esperar que aproximem quem a frequenta, num período do ciclo de vida especialmente fértil em fazer amigos. As sociabilidades da juventude, tais como se exprimem, por exemplo, nas companhias seleccionadas para «sair», costumam efectivamente exprimir-se de modo dominante nas relações de amizade¹⁹.

Estudar algumas dimensões da sociabilidade dos estudantes, nomeadamente as que indiquem escolhas de amigos, contribuirá para avaliar carac-

¹⁶ Cf. Claire Bidart, *op. cit.*, pp. 627-628. Os estudos empíricos sobre a amizade como fenómeno social, ao contrário do que se possa pensar, têm já antecedentes antigos na sociologia. É o caso de um trabalho de Paul F. Lazarsfeld e Robert K. Merton, «Friendship as Social Process: A Substantive and Methodological Analysis», in M. Berger, T. Abel e C. Page (eds.), *Freedom and Control in Modern Society*, Nova Iorque, D. Van Nostrand Company, 1954.

¹⁷ G. Allan, *A sociology of friendship and kinship*, Londres, Boston, Sydney, Allen and Unwin, 1979.

¹⁸ Evidências empíricas recentes têm, em todo o caso, desmentido a ideia de uma sociabilidade automática produzida pela comunidade de vizinhança, entendida na tradição sociológica como um «grupo primário». De facto, verificam-se resistências globais a essa sociabilidade, bem como frequências de relacionamento e imagens de vizinhança claramente diferenciadas. Cf. François Héran, «Comment les Français voisinent», in *Économie et Statistique*, n.º 195, Janeiro de 1987, pp. 43 e segs.

¹⁹ Cf. Olivier Chaquet, «Les sorties: une occasion de contacts», in *Économie et Statistique*, n.º 214, Outubro de 1988, pp. 19 e segs. A idade madura, em contrapartida, tenta privilegiar relações de trabalho e a velhice as de parentesco. Cf. François Héran, «La sociabilité, une pratique culturelle», in *op. cit.*, pp. 3 e segs.

terísticas importantes dessa fase dos respectivos trajectos pessoais. Elas somam-se ao efeito institucional directo, ou seja, ao que decorre da integração na instituição universitária e das aprendizagens de valores, normas e saberes por ela intencionalmente transmitidos e inculcados.

As sociabilidades indiciam, na verdade, características dos sistemas de disposições daqueles que procuram e mantêm os relacionamentos. Mas, ao mesmo tempo, o que é mais importante, elas contribuem para estruturar e reestruturar esses mesmos sistemas de disposições. As redes de comunicabilidade e de influência produzem socializações colectivas, geram e permitem a formação e a partilha de valores, de representações, de tipos de comportamento.

Quando amizades e camaradagem surgem e se confirmam no interior da universidade, elas podem contribuir também para sentimentos de identidade e pertença, mesmo quando essa identidade não queira ser conformista com os modelos institucionais dominantes.

Afinidades activas, sintonias grupais, acordos implícitos, objectivos comuns, comuns experiências, tudo contribuirá para a incorporação de sistemas de disposições. Sociabilidade é socialização e contágio. Nalguns casos — em particular naqueles em que o tipo de convivialidade na universidade mais se afasta das características dominantes no meio social de origem — serão apreciáveis os efeitos da instituição, serão máximas as transformações sofridas no curso do trajecto pessoal.

O simples facto de entrarem para uma escola de ensino superior já dará aos estudantes cujas famílias sejam mais destituídas de capital cultural e económico novos grupos de pertença e de referência. A visibilidade de um futuro profissional de promoção e a sua eventual desejabilidade é também susceptível de conduzir à socialização antecipada de alguns desses estudantes, ou seja, à procura activa de novos modos de inserção social, à adopção de novos valores, uns e outros julgados mais eficazes como preparação para esses futuros enquadramentos profissionais e sociais que mobilizam as expectativas. Outros conservarão, a par das amizades e dos conhecimentos recém-adquiridos, as antigas relações e os grupos de referência ligados à sua vida pré-universitária.

É legítimo, em todos os casos, presumir maior riqueza de troca, de socialização cruzada e transformadora — por contraste com o que se poderia chamar aprendizagem de confirmação —, à medida que se passa do núcleo familiar para os amigos e das relações de amizade intraclassistas para as interclassistas. E o sistema de ensino, no seu conjunto, constitui justamente uma das instâncias em que tal abertura, em que o contacto e a aprendizagem da diversidade, mais precoce e eficazmente pode surgir.

O estudo das sociabilidades contribui para conhecer e explicar valores e comportamentos dos estudantes, para ajudar a localizar esses estudantes no espaço social, para indiciar algumas dimensões das respectivas trajectórias futuras.

Tomando então em conta todas estas referências, foi possível construir, com vista à análise quantitativamente apoiada, *três tipologias*: das *trajectórias sociais*, confrontando a situação actual dos estudantes e as suas trajectórias virtuais com variáveis de caracterização social de pais e irmãos; das características de classe das *relações de sociabilidade* com os amigos considerados mais próximos; e, conjugando as duas, da composição de classe das

redes de relacionamentos sociais dos estudantes²⁰. Os resultados aparecem no quadro n.º 2.

Antes de analisarmos os dados empíricos disponíveis é preciso explicar o significado das especificações direccionais utilizadas na operacionalização do conceito de trajectória. Representando a universidade o topo da hierarquia das qualificações institucionalmente consagradas, não era verosímil considerar, na caracterização de classe dos estudantes, a existência de trajectórias descendentes. Isto porque, por um lado, não há nenhuma posição no espaço das classes por referência à qual a frequência da universidade possa ser tida como uma despromoção social, sendo certo, por outro lado, que a posse do diploma universitário e as possibilidades que ele confere ao seu portador dificilmente conduzirão a trajectórias virtuais descendentes relativamente à origem familiar.

Por estas razões, apenas foram considerados dois vectores direccionais possíveis — estacionário e ascendente —, que definem dois grandes tipos de trajectórias, internamente desdobráveis em *estacionárias* e *estacionárias com*

Composição de classe das redes de relacionamento social dos estudantes (percentagem)

[QUADRO N.º 2]

Trajectórias		Sociabilidades				
		Intraclássista (39,2)	Interclássista (60,9)			Total
			Interclássista para cima (20,7)	Interclássista repartida (30,8)	Interclássista para baixo (9,4)	
Estacionárias (48,6)	Estacionária (29,9)	41,1 16,1 53,8		25,9 8,0 26,7	62,1 5,8 19,5	100,0
	Estacionária com promoção escolar (18,7)	24,0 9,4 50,4		18,5 5,7 30,5	37,9 3,6 19,1	100,0
Ascendentes (51,4)	Ascendente familiar (48,7)	32,7 12,8 26,3	94,5 19,5 40,1	53,2 16,4 33,6		100,0
	Ascendente individual (2,7)	2,2 0,9 31,6	5,5 1,1 42,1	2,3 0,7 26,3		100,0
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(N = 702). (Cada uma das células do quadro contém três valores que, numa leitura em diagonal, do canto superior esquerdo para o canto inferior direito de cada célula, representam, sucessivamente, percentagens por coluna, percentagens em relação ao total e percentagens por linha. Por exemplo, a primeira célula indica que 41,1% dos estudantes com sociabilidade intraclássista têm trajectória estacionária, que 16,1% do total dos estudantes têm simultaneamente trajectória estacionária e sociabilidade intraclássista e que 53,8% dos estudantes com trajectória estacionária têm sociabilidade intraclássista).

²⁰ A variável «trajectória» foi construída confrontando o nível de escolaridade de cada estudante (neste caso, frequência do ensino superior) e o respectivo futuro provável em termos de classe (burguesia ou pequena burguesia técnica e de enquadramento) com a classe do núcleo conjugal do grupo doméstico de origem e com a classe dos dois irmãos mais velhos, ou, no caso de não terem inserção na esfera profissional, com a respectiva escolaridade.

A variável «sociabilidade» retoma o mesmo tipo de operacionalização, mas confrontando desta vez a trajectória de classe do estudante com as características de classe e de escolaridade dos dois amigos que indicou como mais importantes.

promoção escolar no primeiro caso e em *ascendentes familiares e ascendentes individuais* no segundo.

Observando agora os resultados relativos às trajectórias (quadro n.º 2), destaca-se, em primeiro lugar, a elevada percentagem de estudantes com trajectória ascendente familiar (48,7). Trata-se dos estudantes provenientes, sobretudo, das fracções da pequena burguesia mais desprovidas de recursos — pequena burguesia de execução, pequena burguesia proprietária —, mas também do número significativo dos que têm origens operárias e, ainda, do muito pequeno grupo com origem camponesa. O termo «familiar» designa aqui o facto de a direcção ascendente da trajectória ser, não só a do próprio estudante, mas, no caso de os ter, também do seu irmão ou irmãos.

Contrastando fortemente com este valor, está a percentagem muito reduzida dos que, provindo igualmente das classes e fracções de classe atrás referidas, se distinguem dos anteriores por serem, entre os irmãos, os únicos que atingiram uma qualificação universitária e que, por isso, se pode considerar terem uma trajectória ascendente individual (2,7). Note-se a tão grande diferença de valores entre os dois tipos de mobilidade ascendente, sugerindo que, enquanto no primeiro caso se estará perante a expressão modal de uma trajectória familiar de ascensão, no segundo caso se trata de trajectos fortemente marcados pela singularidade, em que a posição de classe virtual dos estudantes nessas condições será acentuadamente mais elevada quer do que a dos pais, quer do que a dos irmãos.

Por outro lado, há um grupo muito numeroso de estudantes para quem a passagem pela universidade se inscreve na plena reprodução das posições sociais de origem e que, por essa razão, caracterizámos como tendo uma trajectória estacionária (29,9). É o caso dos oriundos das fracções da burguesia e da pequena burguesia com elevado capital cultural, ou seja, respectivamente, da burguesia dirigente e profissional e das camadas altamente qualificadas da pequena burguesia técnica e de enquadramento.

Finalmente, há aqueles para quem a frequência da universidade, mais do que uma experiência de mobilidade ascendente ou de estrita estacionaridade, corresponde à conversão em capital cultural de um capital económico elevado à partida e que, desta forma, ultrapassam a inconsistência de *status* das respectivas famílias de origem. São, no caso da burguesia, os oriundos das fracções empresariais e proprietárias com baixas qualificações escolares e, no caso da pequena burguesia, os provenientes das categorias técnicas e de enquadramento sem formação superior.

Referidas as trajectórias, vejamos agora os tipos de sociabilidade dos estudantes universitários, começando por esclarecer os critérios presentes na tipologia utilizada.

Contrariamente à tipologia de trajectórias de classe, em que, como vimos, o sentido descendente não foi considerado, aqui todas as especificações direccionais eram pertinentes. Isto porque na construção da variável sociabilidade se tomaram em consideração as posições relativas dos amigos e da família de origem do estudante no espaço das classes, ou seja, para determinar a composição classista das relações de sociabilidade em que cada estudante está envolvido tomou-se como referência a sua origem social, e não só a sua condição actual de universitário.

202 Temos assim, desde logo, dois grandes tipos de sociabilidade: *intraclássista*, quando se verifica ser comum a origem de classe do estudante e a posi-

ção de classe actual ou virtual dos dois amigos considerados, e *interclassista*, quando há diferenças de classe entre uns e outros. Esta última pode desdobrar-se em três *subtipos*, conforme as posições de classe dos amigos sejam ambas mais elevadas do que a origem social do estudante — *sociabilidade interclassista para cima*—, ambas mais baixas — *sociabilidade interclassista para baixo*— e a de um deles mais elevada e a do outro mais baixa — *sociabilidade interclassista repartida*.

Vejam, então, como se distribuem estas diferentes sociabilidades na população universitária. O que é mais saliente numa primeira aproximação é o facto de as sociabilidades interclassistas, no seu conjunto, serem muito mais frequentes (61,9) do que a sociabilidade intraclassista, que, ainda assim, alcança valores importantes (39,2). Esta distribuição simples, indicando que quase dois terços dos estudantes têm amigos cuja posição de classe não é a mesma que a da sua família de origem, vem, por si só, confirmar as insuficiências, já referidas em artigos anteriores²¹, da utilização exclusiva do indicador «origem social» na caracterização de classe dos estudantes universitários.

De facto, a pertinência analítica deste indicador surge, sobretudo, quando é devidamente articulado, por um lado, com indicadores específicos dos segmentos passado, actual e virtual da trajectória e, por outro lado, com indicadores das redes de relacionamento social em que os estudantes estão inseridos, nos quais, justamente, são decisivas as suas relações de sociabilidade.

Note-se, no entanto, que as diferentes possibilidades direccionais em que a sociabilidade interclassista se pode manifestar estão representadas de modo bastante desigual. Assim, é significativo que a sociabilidade interclassista para cima (20,7) seja duas vezes mais frequente do que a sociabilidade interclassista para baixo (9,4), apesar de o espaço potencial para o surgimento de uma e outra ser sensivelmente o mesmo, uma vez que o número de trajectórias ascendentes é praticamente igual ao de trajectórias estacionárias. Por outro lado, é de destacar o facto de ser a sociabilidade interclassista repartida (30,8) a mais frequente de todas, denotando, ao contrário do que poderiam fazer crer os resultados anteriores e, também, o valor já referido da sociabilidade intraclassista, um significativo conjunto de relações de sociabilidade que são mistas na sua composição de classe.

Observadas separadamente as distribuições de valores para as trajectórias e as sociabilidades, analisemos, ainda no quadro n.º 2, a forma como estas variáveis se inter-relacionam para constituírem o que designámos por *redes de relacionamento social*. Os aspectos que nos parece deverem ser sublinhados são os seguintes:

a) As casas vazias representam impossibilidades lógicas decorrentes dos tipos de trajectórias e de sociabilidades que foram definidas. Assim, não podem existir, ao mesmo tempo e para o mesmo indivíduo, nem trajectórias estacionárias e sociabilidades interclassistas para cima nem trajectórias ascendentes e sociabilidades interclassistas para baixo.

b) O tipo de rede de relacionamento social mais frequente é o que combina trajectórias ascendentes familiares com sociabilidades interclassistas para

²¹ Ver artigos referidos nas notas 2 e 3.

cima (19,5), logo seguido pelas combinações «ascendente familiar com interclassista repartida» (16,4) e «estacionária com intraclassista» (16,1), representando as três, em conjunto, mais de metade dos estudantes universitários. Aparecem depois, numa segunda linha de importância numérica, alguns valores à volta dos 10%, como é o caso das redes «ascendente familiar com intraclassista» (12,8), «estacionária com promoção escolar com intraclassista» (9,4) e «estacionária com interclassista repartida» (8,0). As restantes combinações têm valores pouco significativos.

O aspecto mais saliente desta distribuição é o elevado grau de heterogeneidade que caracteriza as redes de relacionamento social dos estudantes. Se tomarmos apenas os três tipos mais frequentes, podemos ver como eles são marcadamente diferentes uns dos outros. Dois deles correspondem, praticamente, a situações polares: numa, para além da estacionaridade estrita da trajectória, os dois amigos considerados mais próximos pelos estudantes têm a mesma posição de classe que a sua família de origem — «estacionária com intraclassista»; noutra, a trajectória ascendente aparece associada a amigos que têm ambos posições de classe mais elevadas do que a família de origem do estudante — «ascendente familiar com interclassista para cima». Entre estas duas há uma situação intermédia, que é também de mobilidade ascendente, mas em que só um dos amigos tem uma posição de classe diferente da família de origem do estudante — «ascendente familiar com interclassista repartida».

c) Um terceiro aspecto a destacar, e que vem confirmar a importância da polaridade atrás referida, é o facto de as trajectórias estacionárias aparecerem regularmente mais associadas às sociabilidades intraclassistas e as trajectórias ascendentes regularmente mais associadas às sociabilidades interclassistas. Estas regularidades podem ser observadas fazendo a leitura do quadro n.º 2, quer por linha quer por coluna. Aí podemos ver, por exemplo, para a trajectória estacionária, que, enquanto os valores da sociabilidade intraclassista estão bastante acima do valor total deste tipo de sociabilidade (53,8 para 39,2), os valores do conjunto das sociabilidades interclassistas estão consideravelmente abaixo do respectivo valor total (46,2 para 61,9). Ou seja, para os estudantes com trajectórias estacionárias há sobre-representação da sociabilidade intraclassista e sub-representação da sociabilidade interclassista. Por outro lado, se tomarmos a sociabilidade intraclassista e fizermos a leitura por coluna, verifica-se que há aí comparativamente mais estudantes com trajectórias estacionárias do que o total de estudantes com trajectórias desse tipo (65,1 para 48,6) e bastante menos estudantes com trajectórias ascendentes relativamente ao total dos que têm esse tipo de trajectória (34,9 para 51,4). O que quer dizer, neste caso, que para os estudantes com sociabilidade intraclassista há sobre-representação das trajectórias estacionárias e sub-representação das trajectórias ascendentes.

d) Num comentário final ao quadro n.º 2, é importante sublinhar a forte correlação que se verifica existir entre as variáveis trajectória e sociabilidade, elas próprias inicialmente construídas a partir de uma pluralidade de variáveis primárias. Assim, se, antes do seu cruzamento, essas variáveis funcionavam já como tipologias adequadas à análise de classes em duas dimensões fundamentais, mas ainda separadas, depois dele podemos, afinal, encontrar diferenças classistas significativas nas redes de relacionamento social de um grupo globalmente caracterizado por fortes proximidades de

origem, de *habitus* e de destino virtual, como é o dos estudantes universitários²².

Como vimos atrás, a identificação de trajectórias de classe claramente diferenciadas entre os estudantes permitiu assinalar diferentes volumes de capital económico e cultural de origem e, sobretudo, modalidades diferentes quer de conversão intergeracional do primeiro no segundo, quer da reprodução escolar de capital cultural.

Para além destas diferenças intergeracionais, importa ainda considerar que a biografia de cada estudante é diferentemente constituída no que diz respeito ao tempo demorado para atingir a actual situação de frequência universitária. Podemos, neste plano, encontrar duas situações bem distintas: numa delas, a da maioria dos estudantes, a frequência da universidade constitui o segmento final de um trajecto de escolarização contínua não acompanhada por qualquer inserção profissional duradoura e estável; noutra, em que se encontra um número significativo de outros estudantes, trata-se da retoma de um percurso que anteriormente sofreu uma interrupção, geralmente associada à entrada no mercado de trabalho, o que significa a frequência da universidade num duplo trajecto escolar e profissional.

Vale assim a pena analisar de que forma estes dois modos de ser universitário estão ligados às *redes de relacionamento social* dos estudantes. Utilizando, para esse efeito, a idade dos estudantes como indicador dos dois tipos de percurso, onde a fronteira dos 25 anos separa, *grosso modo*, os que têm um trajecto escolar ininterrupto dos que o interromperam nalgum momento antes da universidade, observemos nos quadros n.ºs 3 e 4 o modo como essa variável se inter-relaciona com as suas trajectórias de classe, bem como com os tipos de sociabilidade em que estão envolvidos.

Classes de idade e trajectórias (percentagem em linha)

[QUADRO N.º 3]

Classes de idade	Trajectórias			
	Estacionária (29,8)	Estacionária com promoção escolar (18,8)	Ascendente familiar (48,6)	Ascendente individual (2,8)
Menos de 25 anos	31,2	19,0	48,6	1,2
25 ou mais anos	25,0	19,1	48,0	7,9

Classes de idade e sociabilidades (percentagem em linha)

[QUADRO N.º 4]

Classes de idade	Sociabilidades			
	Intraclassista (39,9)	Interclassista para cima (20,8)	Interclassista repartida (30,3)	Interclassista para baixo (9,0)
Menos de 25 anos	39,6	19,0	31,1	10,3
25 ou mais anos	36,4	28,5	29,8	5,3

²² Ver artigos referidos nas notas 2 e 3.

No caso dos primeiros ressalta, por um lado, o facto de as trajectórias estacionárias serem mais frequentes (31,2) entre os estudantes com menos de 25 anos do que entre aqueles que estão nessa ou acima dessa linha de idade (25,0); por outro lado, e convergindo com o facto anterior, as trajectórias ascendentes individuais, ainda que no conjunto não caracterizem mais de 2,7% dos estudantes, estão claramente associadas aos mais velhos, ou seja, 7,9% dos estudantes com 25 ou mais anos têm trajectórias desse tipo, enquanto esse é o caso de apenas 1,2% dos estudantes mais novos.

Os percursos escolares contínuos aparecem, assim, mais frequentemente associados à estacionaridade das trajectórias de classe, sugerindo uma conversão relativamente directa de recursos familiares em recursos pessoais virtuais, para uma parte muito significativa dos estudantes mais jovens; no que diz respeito aos mais velhos, a associação mais relevante que parece existir é entre o prosseguimento tardio da escolarização e o número não desprezável de trajectórias ascendentes individuais, sugerindo que, para os estudantes com esse tipo de trajectórias, a frequência da universidade corresponderá mais a estratégias de reconversão do que à reprodução imediata de recursos existentes nas famílias de origem.

No que às sociabilidades diz respeito, o que a distribuição por idades põe em evidência são variações significativas nos valores das sociabilidades interclassistas para cima e para baixo, conservando as sociabilidades intraclassistas e interclassistas repartidas valores próximos para os dois escalões etários. Assim, pode ver-se que, enquanto a sociabilidade interclassista para cima tem um valor significativamente mais elevado (28,5) entre os estudantes com 25 ou mais anos, a sociabilidade interclassista para baixo é claramente mais frequente (10,3) entre os estudantes mais novos.

Note-se que, por definição (ver quadro n.º 2), a sociabilidade interclassista para baixo só pode existir para estudantes com trajectórias estacionárias, ao passo que a sociabilidade interclassista para cima só acontece em casos de trajectórias ascendentes. Há, portanto, um específico efeito de trajectória na configuração das sociabilidades em que os estudantes estão envolvidos. Sendo mais frequentes as trajectórias estacionárias nos estudantes mais novos, aí se podem encontrar, também, mais situações de sociabilidade interclassista para baixo; e, sendo mais numerosas as trajectórias ascendentes entre os estudantes mais velhos, aí podem existir, igualmente, mais sociabilidades interclassistas para cima.

No entanto, o modo como as trajectórias de classe condicionam o campo de recrutamento dos amigos, ainda que importante, não explicará certamente toda a variação observada. É necessário levar em conta, também, aspectos relacionados com os valores e as disposições, as identidades e as afinidades, as orientações e as expectativas dos próprios estudantes. É facilmente previsível que esses aspectos, ainda que não considerados nos quadros em análise, não deixarão de interferir decisivamente numa questão tão marcadamente electiva como é a das amizades e na forma como essa electividade se foi e vai manifestando ao longo da vida dos estudantes de diferentes faixas etárias.

3. IMAGENS E ORIENTAÇÕES

a) REPRESENTAÇÕES DE POSIÇÃO SOCIAL

Procurámos, no ponto anterior, fornecer alguns elementos teóricos e empíricos visando ultrapassar insuficiências detectadas na utilização exclusiva ou isolada do indicador origem social na análise de classes, sobretudo quando se trata de grupos sociais como os estudantes universitários. Nesse sentido, através da operacionalização e articulação dos conceitos de trajectória de classe e de sociabilidade, pudemos definir o que designámos por redes de relacionamento social em que os estudantes estão inseridos e analisar a respectiva composição classista.

Pretendemos, agora, identificar algumas imagens de posição social de que os estudantes são portadores, nomeadamente as imagens relativas à posição social dos seus pais, à sua própria posição social na actualidade e à projecção que fazem dessa posição daqui a vinte anos, em diferentes dimensões constitutivas, como sejam a profissão, o rendimento e o prestígio, entre outras.

O estudo de imagens ou representações de posições sociais tem sido objecto de diferentes abordagens na sociologia das classes, desde o clássico trabalho de Lloyd Warner sobre *Yankee City*²³. Tratava-se aí de pôr em prática um método de determinação de *status* visando inferir a estratificação social de uma comunidade através das opiniões cruzadas de respondentes situados em diferentes níveis dessa estratificação sobre outros indivíduos a ela pertencentes²⁴. Um trabalho recente neste campo de pesquisa é o de Coxon, Davies e Jones, que se demarcam do que chamam a perspectiva «reputacional» de L. Warner, para trabalharem centralmente com imagens multidimensionais da estratificação, mais complexas e integradas, que designam genericamente por «mapas cognitivos da estrutura ocupacional»²⁵. Visam estes autores, com essa metodologia, desenvolver uma perspectiva teórica que rejeita «a distinção entre uma estrutura objectiva simples (tendo, supostamente, uma existência independente, determinada e determinável) e um conjunto de concepções, derivadas e subjectivas, dessa estrutura», e, pelo contrário, considera que «é a problemática subjectiva que é primeira e deve ter precedência teórica e empírica»²⁶.

Uma proposta diferente de equacionamento deste problema, e que nos parece mais adequada, é a de Pierre Bourdieu. Tomando globalmente as representações como resultado dos sistemas de disposições incorporadas pelos actores sociais ao longo das suas trajectórias de classe, Bourdieu vai analisar o tipo específico de representações que são as imagens de posição social, como variável mediadora da relação entre trajectórias e práticas. Assim, diz-nos Bourdieu, «entre a posição realmente ocupada e as tomadas de posição interpõe-se uma representação de posição que, ainda que seja determi-

²³ Cf. W. Lloyd Warner, *Yankee City*, cit.

²⁴ Para maior desenvolvimento sobre métodos de determinação de *status* ver João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos*, Lisboa, ICS, 1986, pp. 48-76.

²⁵ A. P. M. Coxon, P. M. Davies e C. L. Jones, *Images of Social Stratification*, Londres, Sage Publications, 1986.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 46.

nada pela posição (na condição de a definirmos completamente, quer dizer, também diacronicamente), pode estar em desacordo com as tomadas de posição que a posição parece implicar para um observador exterior»²⁷.

É, justamente, nesta linha que procuraremos analisar de que modo as imagens de posição social de que são portadores os estudantes universitários se encontram associadas, quer às trajectórias que eles percorreram e vão virtualmente percorrer no espaço das classes sociais, quer aos tipos de sociabilidade em que, ao longo desses percursos, se vão envolvendo.

**Trajectórias de classe e representações de posição social pessoal e dos pais
(percentagem em linha)**

[QUADRO N.º 5]

Trajectórias de classe	Representações de posição social					
	Posição social dos pais			Posição social pessoal		
	Alta (64,1)	Média (32,0)	Baixa (3,9)	Alta (37,5)	Média (58,4)	Baixa (4,0)
Estacionária (29,8)	76,6	21,5	1,9	43,3	52,9	3,8
Estacionária com promoção escolar (18,8)	62,2	31,9	5,9	31,6	63,2	5,3
Ascendente familiar (48,6)	57,0	39,0	4,0	36,2	60,2	3,6
Ascendente individual (2,8)	65,0	25,0	10,0	38,9	55,6	5,6

No quadro n.º 5 podemos observar a relação entre as trajectórias de classe dos estudantes e as suas representações sobre a posição social dos pais e a sua própria posição²⁸. Antes de darmos atenção aos efeitos das primeiras sobre as segundas, é de assinalar que, enquanto a posição dos pais é considerada alta pela maioria dos estudantes, a sua posição própria pessoal é generalizadamente vista como média, mesmo para aqueles que têm trajectórias ascendentes. Uma hipótese para a interpretação deste significativo resultado é a de os estudantes universitários considerarem que a posição que lhes é socialmente atribuída corresponde a um estatuto incompleto, nomeadamente pela ausência dos recursos e da imagem social apenas conferidos pela inserção profissional.

Analisando, agora, os específicos efeitos de trajectória sobre essas representações, note-se, em primeiro lugar, que relativamente quer a si próprios quer aos pais, são os estudantes com trajectórias estacionárias que têm representações mais elevadas de posição social. Já no que toca aos estudantes de trajectória estacionária com promoção escolar se verifica uma baixa significativa nas duas imagens, baixa que, para a imagem dos pais, ainda se acentua para os estudantes com trajectória ascendente familiar. Trata-se, julgamos nós, de um conjunto de representações ajustadas às trajectórias observadas, em que a relação de origem e a relação actual com o capital escolar — indicadoras de consistência de *status* nuns casos e de inconsistência noutros — parecem ser os principais factores em jogo.

²⁷ Pierre Bourdieu, *La distinction*, cit., p. 529.

²⁸ Para a operacionalização das representações de posição social utilizou-se uma escala de 0 a 10, cujos valores foram posteriormente agregados em três categorias: 0-3, baixa; 4-6, média; 7-10, alta.

**Sociabilidades e representações sobre posição social pessoal junto dos amigos
(percentagem em linha)**

[QUADRO N.º 6]

Sociabilidades	Representações sobre posição social pessoal junto dos amigos			
	Alta (78,9)	Média (19,6)	Baixa (1,5)	Total (100,0)
Sociabilidade intraclassista (39,9)	78,4	20,1	1,4	100,0
Sociabilidade interclassista para cima (20,8)	80,8	17,9	1,3	100,0
Sociabilidade interclassista repartida (30,3)	79,0	19,6	1,4	100,0
Sociabilidade interclassista para baixo (9,0)	75,8	22,7	1,5	100,0

**Trajectórias de classe e representações sobre posição social pessoal junto dos amigos
(percentagem em linha)**

[QUADRO N.º 7]

Trajectórias de classe	Representações sobre posição social pessoal junto dos amigos			
	Alta (78,9)	Média (19,6)	Baixa (1,5)	Total 100,0
Estacionária (29,8)	81,5	17,6	0,9	100,0
Estacionária com promoção escolar (18,8)	72,3	25,5	2,2	100,0
Ascendente familiar (48,6)	79,5	19,0	1,4	100,0
Ascendente individual (2,8)	84,2	10,5	5,3	100,0

Vejamos, agora, as imagens que os estudantes têm da sua posição social junto dos amigos (quadros n.ºs 6 e 7). O que é de assinalar, em primeiro lugar, é o facto de, diferentemente do que os estudantes consideram ser a posição média que, de forma global, lhes é socialmente atribuída, aqui percebem-na como alta a apreciação dessa posição por parte dos amigos. Este dado, associado a um outro que é o de essas apreciações serem, como se pode observar no quadro n.º 6, «insensíveis» à qualificação classista das relações de sociabilidade, sugere que a electividade, a afectividade e a simetria que caracterizam as relações de amizade se projectam sobre a própria percepção dessas relações, tendo como resultado uma apreciação não hierarquizante de uma realidade intrinsecamente hierárquica, como é a das posições sociais. O que não significa, evidentemente, que as relações de amizade não sofram, sobretudo na sua constituição e, eventualmente, no seu término, condicionamentos de tipo classista, uma vez que, como se sabe, o campo de possibilidades de recrutamento dos amigos e também, por vezes, da sua conservação não é independente das pertenças de classe dos protagonistas dessas relações.

Aliás, os efeitos desses condicionamentos podem observar-se no quadro n.º 7, onde a percepção da posição social atribuída pelos amigos, apesar de ser um tipo de representação tendencialmente transversal às fronteiras de classe, não deixa de conhecer alguma variação conforme as trajectórias de classe dos estudantes. O sentido dessa variação é, sobretudo, tal como assinalámos para a percepção da posição pessoal global e da posição social dos pais, indicativa de uma particular sensibilidade às diferenças de capital escolar de origem e actual: são, uma vez mais, os estudantes com trajectórias esta-

cionárias com promoção escolar aqueles que, mesmo junto dos amigos, menos consideram ter uma posição alta. Esta sensibilidade manifesta-se, igualmente, no facto de, inversamente às percepções anteriores, mas coerentemente com elas, serem ainda os estudantes com esse tipo de trajectória os que, com mais frequência, percebem como alta a posição social que lhes é atribuída na escola²⁹.

As imagens de posição social que até aqui analisámos, as que remetem para a localização do estudante em alguns contextos específicos da sua vida quotidiana e as que dizem respeito à sua percepção da posição que, de forma difusa, lhes é socialmente atribuída são imagens globais que, por isso mesmo, não permitem pôr em evidência a estrutura interna das posições a que se referem. De facto, a pluridimensionalidade das posições constitutivas do espaço das classes projecta-se, ela própria, sobre o mapa cognitivo que os actores têm desse espaço, fazendo que, como enfaticamente demonstram Coxon, Davies e Jones³⁰, as imagens das classes sejam mais sincréticas do que sintéticas.

É esse sincretismo das imagens de posição social que procuraremos agora analisar, observando como essas imagens se configuram em algumas das dimensões reconhecidamente mais decisivas na estruturação das desigualdades nas sociedades contemporâneas.

Por outro lado, é preciso ainda dizer que procurámos captar, aqui, um tipo específico de representações que são as expectativas de posição social futura. Isto porque o carácter transitório e incompleto, já referido, do estatuto de frequência universitária tiraria significado a uma avaliação de posição que se reportasse estritamente ao momento actual, justamente naquelas dimensões que mais esvaziadas ficam por esse estatuto, como sejam a profissão e o rendimento.

No quadro n.º 8 podemos ver como se estruturam essas expectativas de posição social (a vinte anos) nas duas dimensões referidas e ainda na dimensão prestígio, conforme as trajectórias de classe dos estudantes.

Trajectórias de classe e expectativas de posição social a 20 anos nas dimensões profissão, prestígio e rendimento (percentagem)

[QUADRO N.º 8]

Trajectórias de classe	Expectativas de posição social a 20 anos								
	Profissão			Rendimento			Prestígio		
	Alta (86,0)	Média (13,2)	Baixa (0,7)	Alta (74,6)	Média (23,5)	Baixa (1,9)	Alta (68,0)	Média (27,1)	Baixa (4,9)
Estacionária (29,8) ...	84,9	13,2	2,0	69,4	26,8	3,8	70,0	25,1	4,9
Estacionária com promoção escolar (18,8)	83,7	15,5	0,8	72,4	26,4	0,7	72,0	22,7	5,3
Ascendente familiar (48,6)	87,9	12,1	—	79,2	19,9	0,9	65,5	29,8	4,7
Ascendente individual (2,8)	81,3	18,7	—	64,7	29,4	5,9	64,7	29,4	5,9

²⁹ 45,3 % desses estudantes percebem a sua posição na escola como «alta», enquanto para os estudantes com trajectória estacionária esse valor é de 37,9 %.

³⁰ A. P. M. Coxon et al., *Images of Social Stratification*, cit.

De destacar, desde logo, as acentuadas diferenças que, em termos globais, se verifica existirem entre as várias dimensões. A frequência mais elevada da posição «alta» aparece na «profissão» (86,0), havendo no «rendimento» já uma pequena descida (74,6), descida que se acentua no «prestígio» (68,0).

Parece estarmos, uma vez mais, perante o fenómeno do perfil de *status* quebrado, ou, melhor, da inconsistência de *status*, em que as dimensões mais directamente ligadas às futuras possibilidades de mercado do estudante não são acompanhadas, na sua própria apreciação, pelo prestígio que lhe virá a ser socialmente atribuído, o que é indicativo da dissociação, originalmente apontada por Weber³¹, entre a estruturação das desigualdades na «ordem económica» e a que ocorre na «ordem social».

Esta dissociação é ainda mais forte quando observamos a distribuição das expectativas dos estudantes pelas suas trajectórias de classe. No caso dos estudantes com trajectórias ascendentes familiares, por exemplo, as apreciações mais elevadas nas dimensões «profissão» (87,9) e «rendimento» (79,2) coexistem com algumas das menos elevadas na dimensão «prestígio» (65,5), pondo em evidência a percepção de que, se, no plano das oportunidades de mercado, a diferença entre a posição futura e a origem social for muito marcada, tal facto não implica uma deslocação homóloga na escala do prestígio. Um dos factores dessa avaliação é certamente a consciência de carências de capital social normalmente associadas a uma origem de classe mais baixa. No caso dos estudantes com trajectórias estacionárias, ainda que os valores não sejam tão expressivos, é igualmente visível o peso dessa inércia do *status*, mas agora em sentido contrário: no «prestígio», as expectativas de posição futura alta estão acima da média dessa variável, numa indicação de continuidade intergeracional, enquanto na «profissão» e, sobretudo, no «rendimento» esses valores estão abaixo da média, traduzindo, de algum modo, que a progressão futura nessas dimensões, relativamente ao grupo doméstico de origem, não será tão previsível como para os estudantes que se encontram num movimento ascensional. Este é o tipo de dados que confirma a origem de classe como referente implícito permanente no plano das representações.

Sociabilidades e representações de posição social a 20 anos na dimensão prestígio (percentagem)

[QUADRO N.º 9]

Sociabilidades	Expectativas de posição social a 20 anos na dimensão prestígio			
	Alta (68,1)	Média (26,9)	Baixa (5,1)	Total
Sociabilidade intraclassista (39,9)	62,5	30,7	6,7	100,0
Sociabilidade interclassista para cima (20,8)	65,3	29,0	4,8	100,0
Sociabilidade interclassista repartida (30,3)	74,3	22,0	3,7	100,0
Sociabilidade interclassista para baixo (9,0)	76,6	20,3	3,1	100,0

³¹ Max Weber, «Classes, Status e Partidos», in M. Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas*, vol. 1, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

Uma terceira expressão da dissociação tendencial, nas representações estudiantis, entre classe e *status* é a que se pode ver no quadro n.º 9, onde as expectativas de posição social na dimensão «prestígio» são discriminadas pelos tipos de sociabilidade em que os estudantes estão envolvidos. Aí pode ver-se que, numa distribuição perfeitamente regular, aqueles que têm amigos com uma posição de classe mais baixa se vêem a si próprios no futuro como detentores de um prestígio social mais elevado. De facto, e tomando só os dois casos extremos, enquanto os estudantes com sociabilidade interclassista para baixo, ou seja, com os dois amigos em posições de classe mais baixas, são os que mais frequentemente se vêem numa posição futura alta (76,6), para os estudantes com sociabilidade intraclassista, os que têm os dois amigos com a mesma posição de classe que eles próprios, esse valor é consideravelmente mais baixo (62,5).

Parece estar aqui em acção um efeito contrário ao que é conhecido por privação relativa³² e que poderíamos designar por *privilégio relativo*. Se, nas suas avaliações de posição social, os estudantes tomarem como grupo de referência, entre outros, os seus amigos, o que é bastante verosímil, então pode acontecer que a projecção que fazem do seu prestígio futuro seja sensível às diferenças de classe, no sentido de se considerarem relativamente privilegiados aqueles cujos amigos têm posições de classe actuais ou virtuais mais baixas do que eles próprios.

Finalmente, vejamos as imagens dos estudantes relativamente a outras três dimensões constitutivas das posições sociais, a «escolaridade», a «cultura» e o «poder», confrontando, neste caso, as representações de posição actual com as expectativas de posição futura, por trajectórias de classe (quadro n.º 10).

Em qualquer destas dimensões, tal como para as referidas anteriormente, as expectativas de posição social a prazo de vinte anos são muito mais elevadas do que as representações da posição actual, o que expressa, claramente, as possibilidades que os recursos, entretanto em aquisição na universidade, se espera que proporcionem aos seus detentores nesse momento da sua trajectória virtual.

Trajectórias de classe, representações de posição alta actual e expectativas de posição alta a 20 anos (percentagem)

[QUADRO N.º 10]

Trajectórias de classe	Representações de posição alta actual e expectativas de posição alta a 20 anos					
	Escolaridade		Cultura		Poder	
	Actual (74,4)	A 20 anos (94,4)	Actual (45,1)	A 20 anos (91,9)	Actual (8,4)	A 20 anos (45,2)
Estacionária (29,8)	80,0	93,7	47,7	91,0	8,8	42,7
Estacionária com promoção escolar (18,8)	77,2	94,8	44,9	92,5	5,6	42,1
Ascendente familiar (48,6) . . .	70,5	94,6	43,3	91,9	10,6	48,1
Ascendente individual (2,8) . .	63,2	94,1	52,6	100,0	—	41,2

³² Cf. Robert K. Merton e Alice S. Rossi, «Contribuição à teoria do comportamento do grupo de referência», in Robert K. Merton, *Sociologia — Teoria e Estrutura*, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.

Porém, essa distância, sempre grande, entre as posições actuais e as posições esperadas têm pontos de partida e de chegada que, em certas dimensões, são muito diferentes. No caso da «escolaridade» e da «cultura», aquelas em que as posições esperadas são mais altas e muito próximas entre si (94,1 e 91,9 respectivamente), a avaliação actual é muito desigual. Enquanto a «escolaridade» já parte de uma avaliação alta, uma posição alta na «cultura» parece mais depender, para os estudantes, de competências a adquirir futuramente do que decorrer directamente da frequência da universidade. Outro caso de diferença significativa é o que se passa na dimensão «poder». É, entre todas as dimensões, a única em que, mesmo a prazo de vinte anos, as expectativas de posição alta não passam os 50%. Trata-se de uma avaliação surpreendente na medida em que, podendo entender-se o poder como resultante, em boa parte, justamente dos recursos reunidos nas restantes dimensões já mencionadas, a sua avaliação não acompanha as elevadas expectativas que nelas se verificam. Há aqui, certamente, questões implícitas relacionadas com a cultura política dos estudantes que só outros indicadores e outros dados empíricos permitirão aclarar. No entanto, pode-se desde já avançar que é provável estarmos perante uma interpretação restritamente política do poder.

Quanto a efeitos específicos das trajectórias de classe sobre as representações e as expectativas de posição social nestas dimensões, o que há a assinalar tem, igualmente, a ver com diferenças entre a situação actual e a futura. Se, nestas últimas, as percepções não revelam sensibilidade particular às trajectórias dos estudantes, o que aliás é bastante consistente com a convergência virtual das suas posições no espaço das classes, já as primeiras conhecem algumas variações significativas, sobretudo na dimensão «escolaridade» e, em parte, na «cultura». Assim, pode ver-se no quadro n.º 10 que os estudantes de trajectória estacionária são aqueles que, desde já, mais frequentemente se colocam em posições altas na «escolaridade» (80,0), frequência que diminui regularmente conforme as restantes trajectórias se afastam da estacionaridade. O mesmo se passa na «cultura», se excluirmos os estudantes de trajectória ascendente individual, cujo pequeno número não autoriza interpretações estatisticamente fundamentadas. Estas distribuições levam a que, no nosso entender, se coloque uma vez mais no centro das hipóteses explicativas das representações e expectativas de posição social dos estudantes a sua relação actual e de origem com o capital cultural, particularmente com o diploma universitário. Se quanto ao futuro há, como vimos, uma ampla convergência de expectativas, no presente parece não deixar de se fazer sentir a experiência de continuidade escolar com a origem, por parte dos estudantes, de trajectória estacionária e a experiência de descontinuidade por parte de todos os restantes.

Finalmente, num outro plano de análise, apesar das diferenças entre dimensões, o sentido global dos autopoicionamentos a prazo de vinte anos indicia um elevado grau de confiança no futuro.

b) MODELOS DE ORIENTAÇÃO PESSOAL

As ciências sociais não possuem ainda uma teoria satisfatória das configurações e das disposições simbólico-culturais suficientemente englobante, articulada e operacional. Os contributos parciais que têm surgido nas várias

áreas disciplinares apresentam uma grande diversidade nos ângulos e níveis de abordagem que privilegiam, nas dimensões retidas, nas escalas e unidades com que trabalham, nos observáveis que seleccionam, nos modos de operacionalizar a investigação empírica que utilizam. Esta diversidade de propostas não deixará de ser sintomática da complexidade multifacetada de tal objecto de análise.

As imagens de posicionamento social, ou representações de estratificação dos estudantes, evidenciam, como vimos, significativos graus de correlação com variáveis complexas de caracterização social. O mesmo não se passa com o indicador de *orientações pessoais*, através do qual se procurou captar outro importante plano de estruturação dos sistemas de disposições dos inquiridos e das configurações socioculturais de que são portadores.

Confrontados com quatro modelos de orientação pessoal alternativos, os estudantes pronunciaram-se sobre qual deles estaria mais de acordo com a sua maneira de pensar e de viver. O conteúdo de cada um dos modelos de orientação pessoal e os resultados globais obtidos são apresentados no quadro n.º 11.

Modelos de orientação de vida (percentagem)

[QUADRO N.º 11]

QUOTIDIANO AUTOCENTRADO (22,7) «Usufruir sem preocupações e com prazer o dia-a-dia, sem que a sua independência individual seja posta em causa e garantindo as condições materiais que o permitam.»	PROJECTO AUTOCENTRADO (21,0) «Investir quotidianamente no sentido de vir a alcançar uma situação de bem-estar estável e duradoura, fazendo que a sociedade gratifique a sua determinação e o seu espírito de iniciativa.»
QUOTIDIANO SOCIOCENTRADO (34,4) «Viver intensamente o dia-a-dia, tendo o sentido permanente da sua participação, solidariedade e partilha com os outros em todas as esferas da vida quotidiana.»	PROJECTO SOCIOCENTRADO (21,9) «Contribuir para o desenvolvimento e a melhoria do mundo em que vive, através da sua acção nos vários aspectos do quotidiano, fazendo que os seus pontos de vista e as suas capacidades pessoais tenham um papel na construção colectiva do futuro.»

(N = 1081).

Fazendo-se o cruzamento destes quatro modelos de orientação pessoal com as variáveis de origem de classe, de trajectória social e de relações de sociabilidade, as correlações encontradas apresentam valores bastante baixos.

Como interpretar tal situação?

Estes resultados, surgindo à primeira vista como desconcertantes, permitem no entanto equacionar algumas interessantes questões relativas à análise dos sistemas de disposições e das configurações culturais. Convém, em todo o caso, advertir que, no que se segue, se trata mais de formular interrogações heurísticas do que de apresentar proposições conclusivas.

Um dos aspectos a considerar é o da relativa indeterminação da pertença de classe dos estudantes universitários. Apesar da densificação conceptual e da multiplicação de indicadores mobilizados, não deixa de ser um facto que os estudantes, enquanto tal, não têm ainda uma inserção sedimentada na esfera profissional. Poderia eventualmente sugerir-se que, nos segmentos da população para os quais há possibilidade de utilizar essas referências

fundamentais de determinação dos lugares de classe que são os indicadores socioprofissionais, a caracterização de classe é mais consistente, logo mais directamente explicativa de práticas e representações.

A verificação da pertinência desta hipótese em relação aos modelos de orientação pessoal terá de esperar pela aplicação de indicadores semelhantes aos aqui utilizados junto de diversos sectores da população activa³³. Importa no entanto assinalar que a universidade é, ela própria, elemento balizador da caracterização social dos estudantes. Trata-se de uma referência extremamente importante, a um tempo elemento especificador da inserção social sincronicamente considerada, marco de relevo do segmento presente da trajectória social, contexto de socialização poderoso e local de estabelecimento de redes sociais de significativa intensidade. O reconhecimento deste facto esteve presente nas opções de conceptualização e operacionalização realizadas na construção das categorias de trajectória social, de relações de sociabilidade e de rede de relacionamentos sociais atrás referidas.

Presente esteve também outro componente assinalável da caracterização das trajectórias sociais dos estudantes inquiridos, e que é o perfil delimitável de destinos sociais virtuais modalmente associados à detenção de diplomas universitários: burguesia e, sobretudo, pequena burguesia técnica e de enquadramento.

Deste modo, é conveniente discutir a dois níveis a não correlação observada. Num plano mais geral, poder-se-ia argumentar com os efeitos de homogeneização produzidos pela frequência da universidade. As preferências dos estudantes universitários distribuem-se, como veremos, pelos vários modelos de orientação pessoal, mas essa distribuição apresentar-se-ia relativamente homogeneizada face às diferenças de classe dos percursos e redes sociais.

No entanto, a um nível de análise mais fino, importa ter em conta o curso frequentado. Tanto em relação ao elemento balizador da caracterização de classe dos estudantes que a universidade constitui, como em relação aos destinos sociais virtuais modalmente associáveis à respectiva frequência, a variável «curso» pode assumir, de diversos modos, importante capacidade explicativa. Tal fica a dever-se às diferenças de origem social que existem entre as licenciaturas, às variações que as trajectórias futuras mais prováveis apresentam de curso para curso, aos diferentes modos de socialização antecipada e aos diversos tipos de expectativas e aspirações que em cada um deles mais frequentemente se constroem. E, de facto, se, em todos os cursos analisados, cada uma das quatro orientações pessoais não deixa de aparecer em percentagens significativas, a verdade é que, em licenciaturas como a de Gestão/ISCTE, o maior peso vai para os modelos «quotidiano autocentrado» e «projecto autocentrado», enquanto, por exemplo, em Sociologia/ISCTE ou Psicologia/UL são dominantes o «quotidiano sociocentrado» e o «projecto sociocentrado», em Comunicação/UNL ou em Geografia/UL sobressaem o «quotidiano autocentrado» e o «quotidiano sociocentrado» e, em Engenharia Informática/UNL, as orientações pessoais concentram-se no «projecto sociocentrado»³⁴.

³³ É o que se procurará fazer a partir dos resultados do projecto «As classes médias urbanas em Portugal», da responsabilidade dos autores, em curso no quadro do ICS, com financiamento da JNICT.

³⁴ Ver artigo referido na nota 3.

O curso frequentado, mais do que indicador simples e acessório, funciona assim como variável agregada de caracterização de classe, onde convergem «determinações genéticas» e «determinações contextuais», em articulações sempre difíceis de destringir³⁵, e como variável de mediação entre posições nas relações de classe e tomadas de posição em espaços de possibilidades culturais socialmente estruturadas. Também aqui, conclusões mais precisas terão de esperar por dados respeitantes a um leque mais vasto de cursos e pelo desenvolvimento de linhas de investigação complementares utilizando métodos de análise intensiva.

Uma outra ordem de questões tem a ver com o significado conceptual e com as implicações analíticas da variável «modelos de orientação pessoal», aqui proposta.

Se, como vimos, as orientações pessoais têm forte correlação com o curso frequentado e, através dele, com todo um conjunto complexo de determinações de classe, verificam-se também assinaláveis correlações com outros componentes das constelações culturais de que os estudantes são portadores, tais como «identidades», «esferas de realização pessoal» ou «factores de equacionamento de projectos pessoais»³⁶. Assim, para mencionar apenas um exemplo, o sentimento de pertença à família é mais elevado no projecto autocentrado do que em qualquer outro modelo, enquanto é no projecto sociocentrado que o sentimento de pertença à humanidade alcança o valor máximo, ou que o maior sentimento de pertença a um grupo de amigos surge no modelo quotidiano sociocentrado. Estas e outras indicações vão no sentido de corroborar uma integração estruturada das orientações pessoais nos quadros de valores e representações dos estudantes universitários.

Voltemos ao quadro n.º 11 para nos debruçarmos sobre a lógica de construção do indicador «modelos de orientação pessoal» e sobre os níveis de problematização conceptual para os quais ele remete.

Desde logo, os dois eixos utilizados, «autocentramento» *versus* «socio-centramento» e «quotidiano» *versus* «projecto», permitem formalizar, a um elevado nível de abstracção, dimensões genéricas estruturadoras das configurações simbólico-culturais. Mas foi sobretudo ao nível mais concreto dos quatro modelos de orientação pessoal que se procurou dar tradução operacionalizada a todo um conjunto de hipóteses, avançadas por autores como Sennett, Habermas, Inglehart e outros, sobre tendências actuais observáveis na constituição e na reconfiguração de alguns dos mais salientes padrões ideológico-culturais das sociedades contemporâneas³⁷. Tendo em conta propostas analíticas e sugestões terminológicas correntes nesses debates, poder-se-iam designar os modelos de orientação pessoal da maneira indicada no quadro n.º 12.

³⁵ Cf. Marie Duru-Bellat e Alain Mingat, «Le déroulement de la scolarité au collège: le contexte 'fait des différences'...», in *Revue française de sociologie*, vol. XXIX, n.º 4, 1988.

³⁶ Ver artigo referido na nota 3.

³⁷ São aqui importantes as referências de Richard Sennett (*O Declínio do Homem Público*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988) e de Christopher Lasch (*Le Complexe de Narcisse*, Paris, Éditions Robert Laffont, 1981) à cultura do «narcisismo», as de Jürgen Habermas («A nova opacidade: a crise do estado-providência e o esgotamento das energias utópicas», in *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 2, 1985) aos três modelos culturais de resposta aos dilemas do Estado social («legitimismo socioestatal da sociedade industrial», «neoconservadorismo», «dissidência dos críticos do crescimento»), as de Ronald Inglehart (*The Silent Revolution*, Prin-

Modelos de orientação pessoal (percentagem)

[QUADRO N.º 12]

Quotidiano autocentrado	Orientação narcisista	22,7%
Projecto autocentrado	Orientação acumulativa	21,0%
Quotidiano sociocentrado	Orientação convivial	34,4%
Projecto sociocentrado	Orientação activista	21,9%

(N = 1.081)

Numa primeira leitura destes resultados agregados, importa de imediato realçar que os estudantes inquiridos se distribuem por todos os modelos de orientação pessoal, nenhum destes apresentando valores abaixo dos 20%. Estamos, pois, perante uma variável altamente discriminadora, em relação à qual parece legítimo colocar a hipótese de que capta, a seu modo, a *coexistência concorrencial de importantes linhas de força ideológico-culturais* que caracterizam o panorama e as dinâmicas socioculturais das sociedades contemporâneas.

Poder-se-ia levar mais longe a inferência, sugerindo que as estruturas culturais da modernidade — pelo menos a respeito de sistemas de preferências constitutivos de modelos de orientação pessoal, ou de «maneiras de estar na vida» — se organizam delimitando um espaço de possíveis em que as várias modalidades resultantes usufruem de clara legitimidade social em termos globais. Ou, dito de outro modo, nenhum destes quatro modelos de orientação pessoal parece irrevogavelmente hegemónico, nem nenhum deles surge como manifestamente intolerado pelos padrões culturais socialmente vigentes. O espaço de possibilidades observado a respeito das modalidades de posicionamento pessoal perante a vida em sociedade traduz de algum modo, nesse aspecto particular, quer alguns dos eixos de estruturação do sistema de valores da modernidade, quer as respectivas margens de indeterminação normativa.

Seria interessante procurar saber até que ponto estes eixos de estruturação dos sistemas culturais, com as ambivalências normativas e as latitudes de legitimidade que lhe estão associadas, podem ser «percorridos» pelos indivíduos e pelos grupos no decurso dos processos de transformação ideológico-cultural animados por dinâmicas de recomposição social, de luta política, de competição entre os próprios movimentos culturais. Talvez fosse assim possível perceber melhor os mecanismos especificamente simbólicos — a relacionar com outros processos sociais — das tantas vezes aparentemente paradoxais oscilações de «vagas de fundo» ideológico-culturais, ao nível societal, e das não menos surpreendentes «conversões» nas tomadas de posição, ao nível pessoal. É ainda um tema de pesquisa que exige análise de tipo diacrónico e evidência empírica comparativa bem mais extensa e fina do que a por ora disponível.

ce-ton, Princeton University Press, 1977) ao crescimento dos «valores pós-materialistas», as de S. Harding, D. Phillips e M. Fogarty (*Contrasting Values in Western Europe*, Londres, The MacMillan Press, 1986) aos valores «tradicionais» e «pós-tradicionais», as de Bernard Cathelat (*Styles de Vie*, 2 vols., Paris, Les Éditions d'Organisation, 1985-86) às mentalidades de «activismo», de «recentramento materialista», de «recentramento rigorista», de «desfasamento» e de «egocentramento» na França dos anos 80 ou, ainda, as de Scott Lasch e John Urry (*The End of Organized Capitalism*, Cambridge, Polity Press, 1987) à «cultura pós-moderna» no «capitalismo desorganizado».

Recoloquemos a questão da não correlação observada entre este indicador de orientações pessoais e as variáveis complexas de caracterização de classe. Significará ela que o quadro de possibilidades ideológico-culturais referido corta transversalmente toda a estrutura de classes? Que em cada classe assume forma e valores semelhantes?

Não é possível para já, sem um estudo comparativo entre classes sociais, responder a esta interrogação. Mas, pelo que ficou dito, não será despropositado adiantar a hipótese de, a haver variações de alguma amplitude, não deixar de se manifestar em qualquer delas a presença, com algum significado, de cada um dos quatro modelos. No caso dos estudantes do ensino superior, se nos diferentes cursos há modulações específicas das origens sociais, dos contextos e redes de sociabilidade e socialização, dos destinos virtuais de classe, das expectativas e das aspirações, então a variabilidade nas distribuições percentuais dos modelos de orientação pessoal são sintoma de efeitos mediados das relações de classe na formação desses modelos. Mas também aqui é de salientar que um certo deslizamento das preferências, num ou noutro sentido, nunca deixa de manter aberto o espaço de possibilidades, verificando-se em todos os cursos percentagens não desprezáveis de estudantes em qualquer dos modelos.

Num plano mais metodológico, vem a propósito referir uma importante observação de Raymond Boudon: «Quando uma correlação entre atributos sociais e comportamentos se mostra fraca, tal deve-se frequentemente a que esses comportamentos são respostas a situações em que a escolha não se pode fundar em razões decisivas. A fraqueza da correlação não é ruído, mas sinal. Não é entropia, mas informação quanto à estrutura da situação.»³⁸

4. CONCLUSÃO

Pretende-se, com este artigo, dar conta de alguns instrumentos, resultados e reflexões produzidos no âmbito de uma pesquisa em curso. Mais do que conclusões, o balanço possível é o de um conjunto de questões que abrem para novos desenvolvimentos analíticos.

Um problema que se põe à actual sociologia das classes é o de encontrar formas de operacionalizar concepções teóricas de carácter relacional, multi-dimensional e praxeológico. É, na verdade, cada vez mais clara a necessidade de superar as limitações de abordagens tradicionais, tanto das versões predominantemente reducionistas e objectivistas, como das de feição subjectivista e nominalista. Mas a complexidade, inegavelmente frutuosa, das novas formulações propostas no plano teórico coloca também redobradas exigências de operacionalização. Torna-se imprescindível repensar e reconstruir baterias de indicadores, variáveis agregadas, tipologias classificatórias, procedimentos de observação e de análise da informação.

São conhecidos os contributos decisivos, neste sentido, de Pierre Bourdieu³⁹, com largas repercussões na investigação sociológica e mesmo

³⁸ Cf. Raymond Boudon, *La Place du Désordre*, Paris, Presses Universitaires de France, 1984, p. 59.

³⁹ Pierre Bourdieu, *La distinction*, cit., e «Espace social et genèse des 'classes'», in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.ºs 52/53, 1984.

na redefinição da produção institucional de estatísticas sociográficas, de que o caso mais notável será porventura o das novas categorias socioprofissionais do INSEE⁴⁰. Mas também são referenciáveis outros trabalhos de grande interesse. Para mencionar só mais um exemplo, refira-se o dos investigadores do Projecto de Edimburgo sobre «mapas cognitivos ocupacionais»⁴¹, em que a um questionamento teórico sobre a necessidade de ultrapassar distinções simplistas entre aspectos objectivos e subjectivos da estrutura de classes se junta um vasto conjunto de inovadores procedimentos de pesquisa empírica.

As variáveis «trajectória social» e «relações de sociabilidade» aqui propostas, bem como as tipologias de classes e fracções de classe em que assentam, não só permitem ampliar substancialmente o conjunto de observáveis normalmente mobilizados para proceder à caracterização de classe, como o fazem através de variáveis extremamente compactas. Esta densidade de determinações possibilita-lhes, por sua vez, serem tomadas como eixos de referência no estudo de uma grande variedade de articulações analíticas.

Um exemplo é o da própria análise das relações que essas duas variáveis estabelecem entre si (ver quadro n.º 2). Para além das verificações de ordem substantiva acerca da elevada correlação entre as trajectórias sociais dos estudantes universitários e as especificações de classe das respectivas relações de sociabilidade, o espaço de atributos resultante corresponde à definição de uma nova variável, ainda mais englobante de determinações, a que se chamou «rede de relacionamentos de classe». Outro exemplo é o da análise das relações que essas variáveis agregadas estabelecem com indicadores complementares de caracterização social, como a «idade», ou com vários tipos de indicadores de valores e representações sociais, no caso vertente «imagens de posicionamento social» e «modelos de orientações pessoais».

Uma segunda ordem de questões levantada no artigo prende-se com a constituição interna das configurações socioculturais e com as relações que se estabelecem entre elas e as estruturas de classes.

Num artigo recente, Erik Olin Wright e Kwang-Yeong Shin discutem e testam empiricamente a capacidade explicativa de um conjunto de variáveis de caracterização de classe face a aspectos da «consciência de classe» nos Estados Unidos e na Suécia⁴². A argumentação básica de Wright e Shin é a de que a *identidade* de classe e os *interesses* de classe são dois componentes diferenciados, embora relacionados entre si, da consciência de classe, sendo os interesses de classe mais sistematicamente determinados pelo lugar de classe do que pela trajectória social, enquanto a identidade de classe é mais sistematicamente determinada pela trajectória do que pelo lugar ocupado na estrutura de classes.

Identities e interesses surgem, pois, como dois componentes distinguíveis nas configurações simbólicas e nos sistemas de disposições⁴³. Outros

⁴⁰ Ver, por exemplo, Alain Desrosières, Alain Goy e Laurent Thévenot, «L'identité sociale dans le travail statistique — la nouvelle nomenclature des professions et catégories socioprofessionnelles», in *Economie et Statistique*, n.º 152, 1983.

⁴¹ A. P. M. Coxon et al., *Images of Social Stratification*, cit.

⁴² Erik Olin Wright e Kwang-Yeong Shin, «Temporality and class analysis: a comparative study of the effects of class trajectory and class structure on class consciousness in Sweden and the United States», in *Sociological Theory*, vol. 6, n.º 1, 1988.

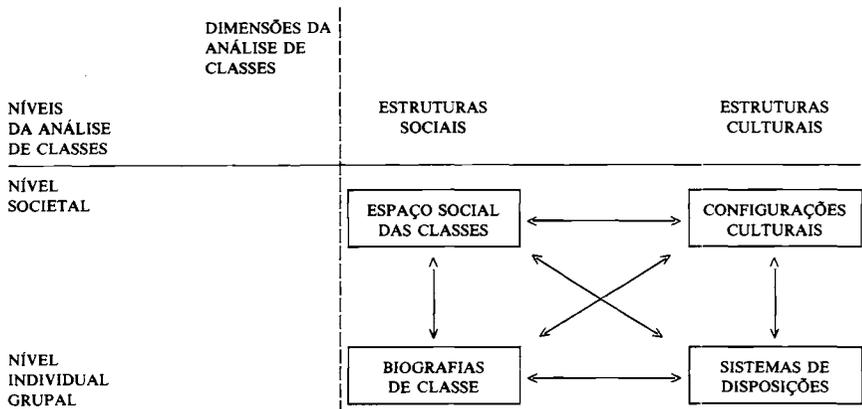
⁴³ Cf. Ana Benavente, António Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e Manuela Castro Neves, *Do Outro Lado da Escola*, Lisboa, Rolim/IED, 1987, pp. 83-86.

componentes são, como vimos, as *imagens de posicionamento social* e os *modelos de orientação pessoal*. Para as ciências sociais tem-se vindo a tornar inequívoco que «existe uma correspondência entre as estruturas sociais e as estruturas mentais, entre as divisões objectivas do mundo social — nomeadamente entre os dominantes e os dominados nos diferentes campos — e os princípios de visão e de divisão que os agentes lhes aplicam»⁴⁴. Trata-se de uma teia complexa de relações em que determinadas facetas dos sistemas de representações e preferências dos agentes sociais se articulam predominantemente com certos aspectos da respectiva caracterização de classe, ou seja, com algumas das formas de inscrição desses agentes no espaço das relações sociais.

Em termos esquemáticos, a discussão desenvolvida neste artigo acerca de alguns segmentos da informação recolhida no *Observatório Permanente sobre a Juventude Universitária* tem subjacente um modelo analítico que articula quatro elementos básicos: espaço social das classes, biografias de classe, configurações culturais, sistemas de disposições.

Modelo para a análise de classes

[QUADRO N.º 13]



Não se trata aqui, obviamente, de propor um quadro teórico, no sentido próprio e profundo do termo, mas tão-só de explicitar o modelo analítico com base no qual se operacionalizou o estudo de determinadas relações entre variáveis. As variáveis de caracterização de classe, consoante a forma de análise, podem ser tomadas como indicadores tanto das distribuições relacionais de posições sociais (espaço social das classes) como da inserção e trajecto de cada indivíduo ou conjunto de indivíduos no espaço das relações de classe (biografias de classe). E as variáveis de valores e representações são accionáveis como indicadores quer dos sistemas simbólico-ideológicos que se vão formando e transformando ao nível societal (configurações culturais), quer dos sistemas cognitivos e valorativos que os indivíduos e grupos vão interiorizando e accionando na prática social (sistemas de disposições).

⁴⁴ Pierre Bourdieu, *La Noblesse d'État*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1989, p.7.

Esta polivalência dos indicadores e esta complementaridade das perspectivas analíticas, se constituem condição de possibilidade da utilização do modelo analítico mencionado na produção dos resultados, interpretações e interrogações que se foram alinhando neste artigo, são também, como é fácil de calcular, fonte de novos problemas, que se procurará, em futuros trabalhos, defrontar e aprofundar.

ANEXO

Para a operacionalização da classificação em classes sociais dos núcleos conjugais nucleares dos grupos domésticos de origem foi utilizado um conjunto de indicadores, tais como «meio de vida», «condição perante o trabalho», «profissão», «situação na profissão» e «escolaridade» do pai e da mãe do inquirido, conjugados matricialmente (ver João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, «Famílias, estudantes e universidade — painéis de observação sociográfica», in *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 4, 1988). A tipologia classificatória a partir da qual se procedeu à agregação nas cinco categorias apresentadas no quadro n.º 1 é a seguinte:

Indivíduos e grupos domésticos (5 categorias)	Indivíduos (11 categorias)	Grupos domésticos (16 categorias)
Burguesia	Burguesia empresarial e proprietária Burguesia dirigente Burguesia profissional	Burguesia empresarial e proprietária Burguesia dirigente Burguesia profissional
Pequena burguesia técnica e de enquadramento	Pequena burguesia intelectual e científica Pequena burguesia técnica e de enquadramento intermédia	Pequena burguesia intelectual e científica Pequena burguesia técnica e de enquadramento intermédia
Pequena burguesia independente	Pequena burguesia independente e proprietária Pequena burguesia agrícola	Pequena burguesia independente e proprietária Pequena burguesia agrícola Pequena burguesia proprietária e assalariada Pequena burguesia agrícola pluriactiva
Pequena burguesia de execução	Pequena burguesia de execução	Pequena burguesia de execução Pequena burguesia de execução pluriactiva
Operariado	Operariado industrial qualificado Operariado industrial semi e não qualificado Operariado agrícola	Operariado industrial qualificado Operariado industrial semi e não qualificado Operariado agrícola Operariado industrial e agrícola Operariado pluriactivo